

Dançando para a Cidadania: Entrelaçando movimentos educativos nas trajetórias de vidas de jovens da periferia de Santa Maria – RS¹

Daniela Grieco Nascimento e Silva²
Gilberto Ferreira da Silva³
Centro Universitário La Salle

Resumo: O presente trabalho origina-se de uma pesquisa realizada em nível de Mestrado na área da educação. Objetiva-se refletir sobre a influência do processo artístico-educativo desenvolvido pela ONG Royale Escola de Dança e Integração Social na vida de jovens moradoras de comunidades periféricas da cidade de Santa Maria – RS. Recorre ao uso de entrevistas semiestruturadas complementadas com o recurso da fotografia como estratégia de aproximação aos dados empíricos. Destaca-se o lugar ativo ocupado pelo corpo no processo de aprendizagem, incorporando o saber não apenas por meio de práticas corporais, mas também do desenvolvimento de novas posturas e comportamentos. Por fim, evidencia-se a perspectiva de uma prática de educação inclusiva geradora de cidadania, possibilitando que as educandas e suas famílias ampliem suas consciências de si mesmas e do entorno.

Palavras-chave: Educação para a cidadania; dança; corpo.

Introdução

O presente trabalho origina-se de uma pesquisa realizada em nível de Mestrado na área da educação. Objetiva-se refletir sobre a influência do processo artístico-educativo desenvolvido pela ONG Royale Escola de Dança e Integração Social na vida de jovens moradoras de comunidades periféricas da cidade de Santa Maria – RS. Para fazer parte deste estudo foram escolhidas duas jovens bailarinas da referida ONG, fazendo-se uso da entrevista e de registros fotográficos para a coleta de informações.

Assim, esse trabalho foi estruturado em três momentos. No primeiro será apresentada uma reflexão sobre a arte da dança relacionado-a a aspectos referentes à construção da cidadania.

No segundo momento, serão pontuadas as contribuições do uso de entrevistas e de registros fotográficos no campo da pesquisa em educação. E no terceiro momento será construída a reflexão a partir das trajetórias de vidas de duas jovens bailarinas da periferia da zona oeste da cidade de Santa Maria – RS.

¹ Capítulo produzido na Dissertação de Mestrado em Educação – UNILASALLE – Canoas – RS

² Pedagogia, Mestranda em Educação – UNILASALLE – Canoas – RS. daninasc@yahoo.com.br

³ Doutor em Educação, Orientador da Pesquisa – UNILASALLE – Canoas – RS. ferreira@unilasalle.edu.br

Primeiro momento: Dança e Cidadania

De todas as artes, a dança é a única que dispensa materiais e ferramentas, dependendo somente do corpo. Por isso dizem-na a mais antiga, aquela que o ser humano carrega dentro de si desde tempos imemoriais.

Mônica Dantas (1999, p. 28) diz: “A matéria-prima da dança é o movimento. O movimento do corpo que dança. A forma - matéria configurada - é efêmera, fugaz, transitória”. Então, a dança é uma manifestação artística que se realiza no corpo, transformando os movimentos do corpo em arte. É a experiência estética que oferece ao corpo a possibilidade de expressar-se em sua plenitude, tornando o corpo um discurso pontuado de significação.

É na Rússia Soviética durante a década de 1920 que Agripina Vaganova, ao desenvolver a Metodologia do Ballet Russo, vai retomar a idéia de corpo como máxima expressão do emocional humano. Segundo Chistyakova (1991), os alunos das Escolas Russas de Ballet são instruídos a dançar usando todo o seu corpo, ou seja, devem percebê-lo como uma totalidade em que o corpo e a mente devem harmonizar-se a fim de que ocorra um bom desempenho artístico.

Embora a metodologia do Ballet Russo tenha essa visão harmônica entre corpo e mente, diferenciando o corpo sujeito do corpo objeto, o que imperou no Ocidente em relação à prática do Ballet Clássico durante séculos foi uma visão altamente tecnicista, de treinamento estafante, valorizando apenas o desempenho técnico dos bailarinos e desvalorizando o sentimento, a emoção, a expressão plena do sujeito através de seu corpo.

Mas o corpo que dança é um corpo que deve ser construído, elaborado, trabalhado, respeitando sempre sua diversidade. Deve ser construído, em sua vida cotidiana, em processos de socialização, de educação, de cultura; elaborado através de diferentes experiências e práticas de movimento; trabalhado por técnicas específicas de dança, que imprimem no corpo tradições de movimentos que fazem nascer o corpo-sujeito que poderá exprimir-se verdadeiramente através da arte.

O conceito de cidadania está profundamente ligado ao tempo e ao espaço, evoluindo juntamente com as sociedades. Desse modo, o conceito de ser cidadão da antiguidade é diverso do conceito da cidadania contemporânea, já que a

temporalidade histórica carrega para cada grupo social normas, valores e regras de conduta que regem concepções diferenciadas dos direitos e deveres dos indivíduos.

Ser cidadão tornou-se sinônimo de estar incluído na sociedade, usufruindo plenamente dos bens culturais e sociais, participando do poder político e possuindo condições apropriadas de vida.

Maria Tereza Mantoan (2005) conceitua inclusão como o processo de acolhida de todos os sujeitos sem exceção, que ocupam o seu lugar na sociedade no momento em que são reconhecidos como participantes ativos do contexto. Estar incluído não é apenas fazer parte de um lugar, mas sentir-se parte do meio, sendo aceito e respeitado em suas singularidades.

Segundo momento: Trajetória da Pesquisa

Para desenvolver deste estudo foi realizada uma Pesquisa Qualitativa do tipo Estudo de Caso denominado História de Vida, pois de acordo com Araújo e Santos (2007), objetiva investigar, registrar e analisar a experiência de vida de uma pessoa pertencente a um determinado grupo social.

Elizeu Clementino de Souza (2006) pontua que o relato propiciado pela História de Vida tem na utilização da entrevista e na análise de diários pessoais os seus principais instrumentos, pois ambos permitem compreender a vida do sujeito de acordo com o contexto histórico e social em que vive / viveu.

A leitura de imagem (tanto em fotografias como em pinturas, esculturas, vídeos, etc.) define-se como um objeto artístico, fruto de uma produção cultural originada pela criatividade humana, que sistematiza tanto objetiva quanto subjetivamente.

Como esta pesquisa foi realizada num contexto artístico, onde a corporeidade tem um papel central, os registros fotográficos⁴ constituem-se num modo de ver e sentir as ações realizadas pelos corpos dos sujeitos, procurando captar signos e símbolos não-verbais.

Desta forma o uso da fotografia tece recortes do cotidiano das jovens, fazendo parte do imaginário social do palco e da vida, pois na visão de Cláudia Turra Magni (1995, p. 143) “cada detalhe das imagens, associado ao conjunto de dados, é

⁴ As imagens utilizadas neste trabalho possuem autorização.

importante para formar o tecido, o texto, o contexto etnográfico, que será tanto mais densos quanto melhores tramados forem seus fios”.

Para participar deste estudo foram escolhidas duas jovens, com idades entre 15 e 16 anos, que participam das ações da Royale Escola de Dança e Integração Social há no mínimo 4 anos. Elas serão identificadas como C. e P.

As jovens pertencem a famílias cuja renda econômica varia de um a dois salários mínimos, moram na periferia da zona oeste da cidade de Santa Maria, estando expostas à situações de vulnerabilidade social em suas comunidades.

Foram realizadas entrevistas abertas com as jovens, englobando aspectos relacionados a suas inclusões sociais e culturais, interações sociais e comunitárias, correlações com a escola regular, edificações de sonhos para o futuro. Assim, as entrevistas desta pesquisa foram primeiramente autorizadas e logo gravadas, bem como realizadas anotações sobre a postura das entrevistadas no Diário de Campo durante a realização das mesmas. Posteriormente, todo o material obtido foi transcrito.

As fotografias foram produzidas após as entrevistas de modo a propiciar o registro visual das verbalizações. Foram fotografadas as comunidades e as casas das jovens, em dias previamente marcados.

A partir dos conteúdos expressos por meio das entrevistas, foram sendo delineadas as categorias de análise. Essas foram constituídas por eixos temáticos, de acordo com o proposto por Rosália Duarte (2004): por meio das informações fornecidas pelas entrevistadas e pelas fotografias, foram organizados eixos de análise articulados aos objetivos da pesquisa.

Terceiro momento: Educando para a Cidadania

As jovens expressam que suas rotinas não diferem das de outras famílias das comunidades em que vivem: acordam cedo, vão para a escola regular, auxiliam nas tarefas domésticas e vão para a Royale.

Mas, para C. e P. o próprio ato de freqüentar a Royale constitui-se num marco diferencial em relação a outros membros das comunidades em que vivem, dando um novo sentido a suas rotinas e as suas relações consigo mesmas e com o entorno.

Os registros visuais coletados das casas das jovens demonstram recortes do cotidiano de suas vidas. Enquanto a casa de C. apresenta uma estrutura precária

como as demais casas de sua rua, a recém-construída casa de P. já sinaliza para uma pequena ascensão econômica e social da família refletida em seus móveis e utensílios novos.

Conforme Alberto Melucci (2004), os atores sociais são capazes, por meio da problematização sobre si e sobre seu papel no mundo, de reconhecer-se como sujeitos individuais, mas também como membros de uma comunidade, tornando seu agir parte integrante do mundo social e cultural, transformando e recriando a realidade.

Em relação ao exposto, é trazido um momento da fala de P., que estabelece diferenças entre seu grupo de amigas da escola regular e da Royale: *“Lá na escola (regular) cada uma faz uma coisa e aqui todas tão juntas, unidas por uma mesma coisa. Todas querem fazer a mesma coisa. É um grupo!”*.

P. reconhece que faz parte de um contexto cultural específico, ou seja, é uma bailarina da Royale, e se reconhece como tal, construindo uma identidade individual. A convivência em um grupo que tem interesses e objetivos em comum propicia a formação de uma identidade coletiva, em que cada sujeito é capaz de tomar consciência de seu papel como ator social na trama cotidiana da Sala de Dança, do palco e da vida.

Por ser compreendida como uma metodologia da práxis, a proposta artístico-educativa da Royale é construída de forma dialógica entre educadoras e educandas, e gerida de acordo com suas próprias demandas. A problematização, ao objetivar a compreensão da realidade circundante, origina um conhecimento crítico, reflexivo, sensível e eternamente revisor de si mesmo, que propicia a inclusão e a transformação.

Tal processo ocasiona grandes modificações na vida das bailarinas, como evidenciado na fala de C., quando questionada sobre o que aprendeu em seus anos de Royale: *“Muitas coisas me ensinou. Começou pela educação. Quando eu entrei aqui eu achei que era só dançar. Mas, aprendi a dialogar mais com as pessoas. Assim, tudo! A Royale é como o meu segundo lar!”*.

P. complementa: *“Eu acho que essa coisa de persistir, de não desistir nunca! Aqui também a gente aprende os valores que a gente tem aqui dentro, como a amizade”*.

O espaço vivencial do palco reflete diretamente na vida cotidiana das jovens. O Ballet Clássico traz consigo a disciplina, a dedicação, a persistência, a postura, os valores necessários não apenas para o pleno desenvolvimento da arte, mas também da própria vida, levando em conta “o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem” (DAYRELL, 1996, p. 157).

O direito à educação, conforme Jaime Pinsky (2008), está inserido junto aos direitos sociais, garantindo que os indivíduos possam se apropriar e usufruir das riquezas culturais da humanidade, incluindo-se na sociedade.

C. coloca que tem o hábito de estudar e que *“sempre tenho temas e vou revisando sempre a matéria do colégio”*.

Já P. diz: *“É não é sempre que eu estudo! Se tem alguma coisa, dou uma olhadinha. Se não tem nada, vou olhar filme e fico lá sentada”*. A jovem evidencia que o estudar não faz parte de sua rotina diária, preocupando-se apenas com a avaliação:

A aprendizagem é concebida por P. como algo eminentemente escolar, ou seja, relaciona-se apenas à avaliação do trimestre, dissociada da própria vida da jovem. O aprender da escola é taxado como o *“saber da minha prova”* e não como o saber que constrói conhecimentos para vida, incorporando-se ao sujeito, modificando-o, humanizando-o.

Em relação aos seus sonhos, C. declara que: *“É eu continuar dançando ballet e ter um lugar como a Royale”*. Já p. coloca: *“Quero fazer artes cênicas e música. E quero fazer um projeto de teatro e outro de música na Royale. Quero ensinar os outros aqui também!”*

A aprendizagem do corpo dentro da proposta da Royale está justamente em promover, por meio de uma educação problematizadora, uma via de conhecimento singular de si mesmo e da realidade em que a capacidade de percepção sensível e de reinvenção estão fortemente presentes.

Palavras finais

Um dos pontos mais interessantes levantados nos discursos da jovens é o desejo de continuidade da Royale, de ensinar o que aprendeu. Esse processo de multiplicação corresponde à possibilidade de também sensibilizar outros sujeitos,

para que possam vir a descobrir a si mesmos e modificar suas realidades, tal como C. e P. estão modificando as suas.

O processo artístico-educativo da Royale Escola de Dança e Integração Social constitui-se numa educação inclusiva e geradora de cidadania, pois permite que suas educandas e famílias ampliem suas consciências de si mesmas e do entorno, criando condições mais favoráveis para a participação democrática e o exercício da imaginação político-criadora.

Referências

ARAÚJO, Osmar Ribeiro de SANTOS, Sônia Maria dos. História Oral: vozes, narrativas e textos. IN: *Cadernos de História da Educação*. Uberlândia: Edufe, 2007, n. 6, p. 191 – 201, jan/dez.

CHISTYAKOVA, Verônika. Introdução à 5ª edição russa. In: VAGANOVA, Agripina. *Princípios básicos do ballet clássico*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

DANTAS, Mônica. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativa. IN: *Educar*. Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225.

FERREIRA, Naura. Formação continuada e gestão da educação no contexto da cultura globalizada. In: FERREIRA, Naura. *Formação continuada e gestão da educação*. São Paulo: Cortez, p. 17-42, 2006.

MAGNI, Cláudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes de rua. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, v. 2, p. 141-149, jul/set. 1995.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Educação é o privilégio de conviver com as diferenças. *Revista Nova Escola*. São Paulo, Maio, 2005, P. 1-4.

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PINSKY, Jaime. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teóricas metodológicas sobre histórias de vida em formação. In: *Revista Educação em Questão*. Natal, v.25, n. 11, p. 22-39, jan./abril. 2006.

VAGANOVA, Agripina. *Princípios básicos do ballet clássico*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.